

## **A RELAÇÃO DE GÊNERO NA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Autor (1); Angelita Maria Machado. Co-autor (1); Pauline Fernanda Preussler.

(Universidade Federal de Santa Maria , angelitamachado026@gmail.com ; paulinefpreussler@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo problematizar aspectos voltados às relações de gênero na Literatura Infantil, promovendo reflexões a respeito da reprodução de tarefas entre meninos e meninas, além de uma caracterização dos papéis e comportamentos adequados a cada sexo. A discussão sobre as relações de gênero na Literatura Infantil vem aumentando ao longo dos anos o que tem gerado muitos questionamentos, fazendo com que muitas opiniões sejam divididas em relação a trabalhar ou não o assunto em sala de aula, com as crianças na Educação Infantil e assim iniciando desde cedo à circulação do assunto.

O sexo biológico era e é visto por muitas pessoas como algo fixo e inalterável enquanto gênero era algo mais duvidoso. A fim de refletir sobre as relações de gênero e repensar a urgência desse debate na formação de professoras e professores, com a finalidade de vencer ideias e conceitos preconceituosos na educação de crianças pequenas, busca-se ir mais afundo na pesquisa sobre esse tema para encontrar argumentos que me ajudem a compreender questões relacionadas a gênero na Educação Infantil através da Literatura Infantil. Um recurso a ser utilizado são livros que desconstruam essa visão fixa de que meninas só podem fazer coisas de meninas e meninos apenas coisas de meninos, como livros da autora Ruth Rocha que nos instigam a imaginar a troca de papéis entre dois irmãos um menino e uma menina, rompendo com uma visão essa adultrocentrica .

A citação a seguir de Arguello (2005,p.76) exemplifica o poder que a literatura exerce sobre as crianças que internalizam que devem seguir os mesmos princípios, de ser menina e de como ser menino.

A literatura é uma das diversas roupagens que vestem as práticas pelas quais os sujeitos são interpelados, é discurso e ao mesmo tempo é criatura do discurso, exercendo uma função reguladora pelas representações nela existentes, sendo ao mesmo tempo regulada pelos discursos que se pretendem hegemônicos.

Embora esteja em muitas pautas, entender o que o conceito de gênero, bem como definir a perspectiva adotada para a discussão. Neste caso, utilizaremos especialmente autoras de vertente pós-estruturalista, mesmo assim não afirmamos que esse é um trabalho dentro desta perspectiva, considerando que adotará também outros e outras autoras. Consideramos como principal referência

Guacira Lopes Louro por ter se preocupado com as questões de gênero e educação, bem como Daniela Finco por preocupar-se com questões de gênero e infância.

Questões de gênero estão diretamente ligadas ao meio a qual as pessoas vivem e também ao tempo e a cultura em que estamos inseridos, desde que nascemos, somos influenciados pela sociedade sobre como que é ser homem e como é ser mulher, exigindo uma postura adequada. “Para a autora Scott gênero” é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. Porque o homem sempre está representado como o mais forte, o bravo, guerreiro? E já a menina a delicada, frágil e indefessa? Essa representação está fortemente em circulação tantos em mídias como em folhetos e em simples livros de histórias infantis, onde a mulher é a princesa que precisa se casar com o príncipe, ou melhor, a princesa que precisa ser salva pelo príncipe herói.

A autora Carrie Paechter (2009, p.16) ressalta que no momento em que nomeamos as crianças já estamos inserindo elas em uma comunidade de prática onde a criança irá desenvolver expectativas em relação ao modo como devem se sentir ou se comportar.

#### REFERÊNCIAS:

ARGUELLO Zandra E. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado. Porto Alegre. Dezembro 2015.

PAECHTER Carrie. **Meninos e meninas aprendendo sobre masculinidades e feminidades.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

SCOTT Joana “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.